

FLU, maio 79

"0660" - 6.8.60.

A CRÔNICA de Rubem Braga

OS MORTOS

UM AMIGO meu está impressionado porque recebeu ou julgou receber a visita de um morto. Disse que estava cochilando quando o outro apareceu em sua frente, logo sentiu que ele se afastava e ouviu sua risada na sala; quando foi até lá, já não estava ninguém, mas a porta bateu com força.

Está visto que era um morto relativamente recente, ainda um pouco novo-rico da própria morte. Imagino que todo morto vai ficando um pouco mais discreto à medida que seus amigos e conhecidos também morrem. Quando não resta mais nenhum mesmo na terra, é que ele começa a viver sossegado sua vida de morto.

Não tenho nada contra o espiritismo, mas não acredito muito nessa história de sujeitos que baixam em sessões de subúrbio, cem, duzentos anos depois de morrer. Acho que depois de certa idade (idade de falecido), o morto não acredita mais em espiritismo. Considera-o uma impertinência dos vivos.

Tenho poucas mortas. Mas como são queridas! O engraçado é que, à medida que o tempo passa, elas vão ficando um pouco parecidas, vão-se fazendo irmãs, mesmo as que jamais se conheceram. Aparecem raramente e sempre caçoam um pouco de mim, mas com um jeito de carinho. Não faz mal que não me levem muito a sério; não mereço.

Mas a verdade é que nos piores momentos de minha vida sempre senti uma imponderável mão em minha cabeça; então fecho os olhos e me entrego a esse puro carinho, sem sequer me voltar para ver se é minha mãe, minha irmã ou uma doce, infeliz amiga — ou apenas a leve brisa em meus cabelos.